

Anna Karynne da Silva Melo <sup>1</sup> Juliana Ribeiro <sup>2</sup> Virginia Moreira <sup>3</sup>

## Resumo

O presente artigo discute a noção de sofrimento utilizando a lente de múltiplos contornos da fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty. Partimos da noção de sofrimento em sua evolução histórica desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade, realizando uma revisão de literatura, e discussão, a partir de artigos publicados nos últimos dez anos em bases de dados como Scielo e Ebsco, assim como os livros sobre o tema. A noção de sofrimento é uma construção histórica que foi influenciada por diversas mudanças econômicas, sociais e culturais e, atualmente, é entendida como algo a ser evitado de maneira rápida e fácil, e como sinal de fraqueza e fracasso. Consideramos que problematizar a construção da noção de sofrimento e sua compreensão sob a lente dos múltiplos contornos fundamentada no pensamento de Merleau-Ponty nos mostra a possibilidade de compreendê-la sob várias perspectivas, contribuindo para a compreensão das demandas que se apresentam na clínica contemporânea.

**Palavras-chave:** Sofrimento; fenomenologia; Merleau-Ponty; contemporaneidade

## Abstract

This article discusses the notion of suffering through the lens of multiple contours of Merleau-Ponty's ambiguity phenomenology. We start at the notion of suffering and its historical evolution since Ancient Greece to contemporaneity, by conducting a literature review and discussion seeking scientific articles in the last ten years in databases such as Scielo and Ebsco, as well as a books that relates to the theme. The notion of suffering is a historical construction that was influenced by several economic, social and cultural changes and, nowadays, is seen as something to be avoided the fastest and easiest way and as a sign of weakness and failure. We consider that problematizing the notion of suffering and its comprehension under the lens of multiple contours based on Merleau-Ponty's philosophy gives us the possibility of understanding it from various perspectives, contributing to the comprehension of the demands that are brought to the contemporary clinic.

**Keywords:** Suffering; phenomenology; Merleau-Ponty; contemporaneity.

<sup>1</sup> Professora Adjunta do curso de graduação de Psicologia da Universidade de Fortaleza. Doutoranda em Saúde Coletiva (UFC/UECE/UNIFOR). Endereço para correspondência: Universidade de Fortaleza (UNIFOR): Avenida Washington Soares, 1321, Edson Queiroz. CEP: 60.811-905, Fortaleza-CE, Brasil. Telefone: 55 (0\*\*85)3477-3000/ Fax: 55 (0\*\*85) 3477-3055. Email: karynnemelo@unifor.br

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ. Email: juliana.ribeiro.paiva@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Pós-doutora em Antropologia Médica pela Harvard University. Email: virginiamoreira@unifor.br

## INTRODUÇÃO

No decorrer da história encontramos diferentes formas de compreender e classificar o sofrimento. Cada contexto histórico e político foi indicando sua forma de decompor, de classificar, estudar e tratar o sofrimento, ao longo do tempo (Ceccarelli, 2005). No dicionário da língua portuguesa, Ferreira (2000), sofrimento é definido como “ato ou efeito de sofrer; dor física; angústia, aflição” (p. 643). Enquanto o termo “sofrer é definido como: “ser atormentado, afligido por; suportar, aguentar; admitir, consentir; passar por, experimentar coisa desagradável ou trabalhosa.” (p.643)

Na Grécia Antiga, no campo da filosofia, sofrimento estava ligado à noção de *pathos*, sendo este, tomado como inerente ao homem e estando na base da sua existência. Assim, a noção originária de *pathos* abarca o sofrimento, o anormal, mas vai além, sendo visto, também, como uma *disposição* do homem, o que o impulsiona, e “torna-se muitas vezes o elemento motor, o sopro da vida de toda uma existência.” (Martins, 1999, p. 69). *Pathos*, portanto, aglomera tudo aquilo que é humano.

A noção de sofrimento era também encontrada na literatura. Para Aristóteles, o sofrimento era indispensável para a tragédia, gênero literário da época. Na tragédia aristotélica nem todo sofrimento e nem todas as pessoas que sofrem são iguais, o que diferencia o sofrimento das pessoas está ligado ao seu valor pessoal (Das, Kleinman & Lock, 1997). Apesar de Aristóteles acreditar que o sofrimento era indispensável para a tragédia, o filósofo indicava que somente ele não era suficiente, seria necessária uma trama, pois “sofrimento é um resultado inevitável dado uma sequência de ações específicas e conectadas” (p.37)<sup>4</sup>. O sofrimento era representado como um tema persistente da condição humana.

Na Era Medieval, a Igreja tinha forte influência na sociedade, sendo ela, juntamente com a realeza, a que ditava as regras que ordenava a comunidade. Foi uma época de muita repressão e terror, marcada por um traço da coletividade e de sentimentos melancólicos e de temor. Scliar (2003) assinala: “O ser humano pensava em si próprio apenas como membro de uma família, de uma comunidade, de uma corporação, de um grupo étnico” (p.41-42). Assim, cada um deveria ter clara a sua posição e função, bem como lugar dos grupos dentro da sociedade, pois havia uma divisão e hierarquização nítida entre as classes sociais, sendo que cada uma tinha o seu dever, privilégios e obrigações dentro da comunidade. A sociedade era essencialmente local, o que quer dizer que havia pouca mobilidade. As pessoas nasciam e morriam na mesma cabana e quando se afastavam, não iam muito longe (Scliar, 2003). A coletividade era tão forte que, de acordo com May (1977) “A expressão emocional era canalizada coletivamente, nas emoções conjuntas das festividades e nas emoções agressivas de movimentos tais como as Cruzadas.” (p.175).

Devido a toda essa repressão da Idade Média, no último século desse período, a sociedade estava impregnada de sentimentos de depressão, melancolia, ceticismo e muita ansiedade. Havia um crescente temor da morte, do inferno, de demônios e da feitiçaria. Esses sentimentos eram retratados nas obras de arte medievais. A morte era um tema recorrente devido à disseminação da peste e de outras doenças como a sífilis, fazendo com que as pessoas lembrassem constantemente que iriam morrer. Para que isso não ocorresse, deveriam comportar-se de forma adequada e livre de pecados para que pudessem ir para o Paraíso após a morte. Portanto, as crenças da era Medieval ligavam o sofrimento ao pecado

<sup>4</sup> “suffering is an unavoidable outcome given a sequence of specific, connected actions”.

e à danação. A literatura tinha um efeito terapêutico e restaurador, assim como a risada e as histórias de comédia que eram prescritas por médicos no combate à praga. Tal “remédio” continuou a ser prescrito na Renascença como tratamento da melancolia - considerada uma doença epidêmica da época.

A Renascença foi um período de intensas mudanças, como a expansão do comércio e nova crença e confiança no poder individual do homem, visto como o único responsável pela própria ascensão social e econômica, essa é uma época de incertezas, insegurança, pressão social e de muita ansiedade. O individualismo passou a ser o traço mais marcante da sociedade, o que para May (1977) deve ser considerado como uma reação ao coletivismo da Idade Média. Ou seja, o surgimento do individualismo se deu por meio de mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas, dentre outras.

Como desdobramento, surgiu uma nova confiança no poder do indivíduo, que é agora livre e autônomo. Ocorreram, também, mudanças sociológicas, como a possibilidade de mobilidade social e de incentivo à iniciativa, à coragem e à sabedoria, pois independente da classe social na qual o indivíduo nasceu e de sua família, através do seu esforço individual, ele poderia ascender socialmente. O surgimento da burguesia trouxe incerteza, dúvidas e inquietações, pois a possibilidade de mobilidade social vem de encontro com o sistema existente na Idade Média com o qual a população já estava acostumada. Com isso, o futuro passa a ser incerto, sendo fonte de angústia, pois o indivíduo poderia ser rico hoje, mas amanhã essa riqueza poderia desaparecer. Portanto, o Renascimento foi uma época de dualidades, conforme destaca Scliar (2003, p.16): “Há riqueza e há miséria; há uma brusca alternância entre otimismo e pessimismo, entre euforia e desânimo, verdadeira bipolaridade emocional que se traduz em incerteza quanto ao futuro.”

A educação passa a ser vista como um meio de ganhar poder. Tais mudanças acarretaram uma maior pressão sobre o sujeito, pois ele era responsável pelo seu próprio sucesso; assim como intensos sentimentos de isolamento, individualidade e competitividade - era cada um por si, concepção contrária àquela da Idade Média. Porém, como assinala May (1977) “a elevada valorização do indivíduo na Renascença não era uma valorização das pessoas como tais. Referia-se antes ao indivíduo *forte*. Pressupunha-se que o fraco podia ser explorado e manipulado pelo forte sem remorso nem arrependimento” (p.177)

A ociosidade era tida como a maior causa do estado melancólico, fazendo com que as pessoas tentassem manter-se sempre ocupadas através do trabalho, que era um imperativo ético na época. Este estado melancólico foi estudado por Robert Burton (1577 – 1640), citado por Scliar (2003). Sua obra “A anatomia da melancolia” foi considerada a melhor obra de medicina já escrita por um leigo. Burton, ao discutir a melancolia, está tratando de uma experiência humana que se diferencia da tristeza e da depressão tal como é vista atualmente. Em Scliar (2003),

Para Burton, a melancolia era, como a depressão, uma doença, mas não só uma doença: era uma experiência existencial. Tristeza sim, e tristeza duradoura, e talvez até tédio, mas uma condição existencial envolta em aura filosófica, o que lhe dava dignidade e distinção (p. 58).

Aquele sentimento de comunidade existente na Idade Média, agora, configurava-se num isolamento, o que acarretava em muito sofrimento aos indivíduos. Ao mesmo tempo que era positivo o fato de o homem ter valor e capacidade de ascender socialmente, tendo uma vida mais confortável e digna eles estavam isolados, vivendo

sobre frequente pressão em um individualismo e competitividade constantes. May (1977) ressalta que, o desejo de fama era tão grande que os indivíduos chegavam a cometer atos antissociais contra os outros, como assassinatos, por exemplo, a fim de serem recordados na posteridade. Esse aspecto do individualismo está presente ainda nos dias atuais, quando as pessoas, muitas vezes, cometem atos injustos e agressivos com relação aos outros a fim de obter um resultado positivo e sucesso individuais, sendo tais atos, por vezes, aceitos e justificados por serem considerados como o que leva à ascensão pessoal.

Outra mudança ocorrida na Renascença foi a ideia de que se deveria viver o aqui e agora, sem se importar muito com a vida após a morte, pois as recompensas eram dadas de imediato, na vida terrena. Scliar (2003, p.29) aponta que:

A decadência do feudalismo e a erosão do poder da Igreja, associadas à emergência do individualismo, resultaram numa ânsia de gozar a vida, que se revelava tão precária numa época de epidemias. As pessoas agora queriam comer bem, vestir-se bem, desfrutar de todos os prazeres possíveis – inclusive dos prazeres sexuais.

Assim como na Idade Média, era possível captar tais sentimentos da sociedade da Renascença através das obras de arte. As pinturas de Miguel Ângelo, por exemplo, retratam bem o constante sentimento de ansiedade e desespero vivenciados pelos cidadãos. Pascal, filósofo do século XVII, via uma intranquilidade perpétua pela qual os homens passam sua vida.

A ascensão do capitalismo é a marca central da Modernidade, sendo o trabalho considerado como valor humano e o único modo de se atingir o sucesso financeiro, sendo este, visto como sinônimo de felici-

dade. Na cultura moderna, muitas características da Renascença podem ser observadas, como o individualismo, a competitividade e o isolamento, porém, na Modernidade, os sujeitos estão mais conscientes do sofrimento e da ansiedade que isso acarreta. Com o crescimento do capitalismo e da indústria, principalmente a partir do século XIX, o egoísmo e a ambição passaram a ser vistos como traços aceitos e até mesmo glorificados por levarem ao crescimento econômico e ao sucesso. O trabalho passou a ser, a partir de então, apenas um meio a se chegar à ascensão econômica, o que se busca é o aumento da riqueza pessoal que acarreta em prestígio social. May (1977, p. 185) assevera que “o trabalho passou a ser um “emprego” em que o critério de valor não é a própria atividade produtiva, mas os resultados relativamente fortuitos do trabalho: os salários ou ordenados”.

O século XIX ficou conhecido como a era das “ciências autônomas” e da razão técnica, ou seja, era importante agora criar conhecimentos que pudessem agir diretamente sobre os problemas da época e saná-los. Foi uma época de separação, tanto nas ciências, como nas artes e também na vida psicológica no indivíduo, que se via agora separado entre razão e emoção. Esta separação resultou na repressão das emoções e, conseqüentemente, em sofrimento e ansiedade para os sujeito. Nesse contexto, surgiu o movimento existencialista, representado por filósofos como Nietzsche, Kierkegaard, Schopenhauer, Sartre, Merleau-Ponty, entre outros. May (1977) afirma que, os filósofos existencialistas criticavam o sistema racional de pensamento da sociedade industrial e se esforçavam em “encontrar um novo significado da vida numa realidade da qual os homens tinham sido afastados, numa situação cultural em que as duas grandes tradições, a cristã e a humanista, perderam seu caráter abrangente e compreensivo, e seu poder convincente” (p. 50)

Os existencialistas, à vista disso, buscavam romper com a dicotomia vigente da época, aquela da separação entre mente e corpo. Viam o homem como um ser total, indivisível e dinâmico que, sente, pensa e quer. Um dos conceitos preconizados pelos existencialistas foi a ansiedade. Segundo a leitura de May (1977), Kierkegaard define ansiedade como “possibilidade de liberdade”. As pessoas tentam fugir da ansiedade, mas é a partir dela, que a pessoa se liberta para realizar as possibilidades da personalidade e adquire autoconhecimento.

Minkowski (2000), psiquiatra fenomenólogo francês do final do século XIX, assinala que o sofrimento é uma parte integrante da existência humana, sendo assim, todo homem passará, ao longo de sua vida, por experiências que lhe trarão sofrimento e que, apesar de ser penoso não se deve fugir dela, pois é por meio do sofrimento que se coloca ao homem a questão do sentido de vida, trazendo um maior conhecimento de si mesmo e do mundo.

Neste artigo, buscamos compreender a noção de sofrimento no contexto histórico de sua construção conceitual e na pluralidade de possibilidades de entendimentos e reflexões, utilizando a lente dos múltiplos contornos na fenomenologia de Merleau-Ponty. Nessa perspectiva, o sujeito é entendido como mundano, situado neste mundo, sendo atravessado por ele e atravessando-o ao mesmo tempo. Merleau-Ponty (1945/2011) afirma que

“O mundo que eu distinguia de mim enquanto soma de coisas ou de processos ligados por relações de causalidade, eu o redescubro “em mim” enquanto horizonte permanente de todas as minhas *cogitationes* e como uma dimensão em relação à qual eu não deixo de me situar”. (p. 9).

## MÉTODOS

Para atingirmos esse objetivo, realizamos uma revisão crítica da literatura

sobre a temática, que consistiu em um “processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre o tema e o problema de pesquisa escolhidos” (Menezes & Silva, 2005, p. 37). Para isso, buscamos artigos que tratassem da construção e definição da noção de sofrimento, nos últimos dez anos, em bases de dados como *Scielo* e *Ebsco*, bem como em livros que problematizam a noção de sofrimento no campo da psicologia, filosofia, da psicopatologia fenomenológica e da sociologia. As seguintes palavras-chave foram condutoras da pesquisa: sofrimento; noção de sofrimento; adoecimento; sofrimento, fenomenologia; noção de sofrimento, psicopatologia fenomenológica; noção de sofrimento, história; sofrimento, evolução histórica; sofrimento, contemporaneidade em português e inglês.

## O SOFRIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

A Contemporaneidade é uma época firmada por sentimentos de insegurança, incerteza, vulnerabilidade, fragilidade dos laços humanos, pois a sociedade sofre constantes mudanças e com planos de curto prazo, ao contrário do que foi pregado pela Modernidade, onde os indivíduos, em sua maioria, passavam a vida toda em um único emprego. Consequentemente, as pessoas buscam prazeres imediatos, já que tudo pode mudar em pouco tempo (Bauman, 2000).

O que ocorre é que o mundo é cheio de oportunidades e cabe ao sujeito e, somente a ele, a responsabilidade de escolher qual o caminho a seguir e esforçar-se para conseguir alcançar um futuro bem-sucedido. O sujeito contemporâneo sofre constantemente pressão da sociedade para alcançar um determinado nível de sucesso financeiro, sendo ele, o único responsável por isso. Assim, o fracasso traz um grande sentimento de culpa e desvalorização. Como

afirma Bauman (2000), “numa vida guiada pelo preceito da flexibilidade, as estratégias e planos de vida só podem ser de curto prazo” (p.158), mas, apesar dessa incerteza trazer sofrimento, o seu contrário também não é favorável para a sociedade contemporânea, pois as pessoas buscam o prazer imediato, não querem mais “perder tempo”, não indo atrás de uma satisfação em longo prazo. “Condições econômicas e sociais precárias treinam homens e mulheres (ou os fazem aprender pelo caminho mais difícil) a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos *descartáveis*, objetos para *uma só* utilização; o mundo inteiro – inclusive outros seres humanos.” (p.186)

As relações humanas são tratadas como objetos que podem ser trocados por outros, caso a parceria não traga satisfação e prazer imediatos. Outra característica que marca a sociedade contemporânea é a superexposição de experiências consideradas íntimas e privadas que são discutidas em âmbito público; não existe mais privacidade nesse mundo onde as notícias “voam” através dos diversos meios de comunicação que nos ligam ao mundo inteiro em poucos instantes. As pessoas, em sua maioria, expõem em redes sociais na internet, por exemplo, o seu dia-a-dia, incluindo as dificuldades e questões pessoais, abrindo-as à discussão pública.

Nesta sociedade, o sofrimento está intrinsecamente ligado à noção de doença. Pesquisa realizada com pacientes em psicoterapia mostra que se tornou mais fácil dizer que se tem uma doença do que se dizer que está sofrendo.

É interessante observar nas falas que escutamos das pessoas sobre suas vivências na psicoterapia que, ao mesmo tempo que o sofrimento faz parte delas, parece ser algo que toma conta do ser humano como se viesse de fora e fosse algo muito estranho, que age contra a pessoa que o vivencia (Moreira & Caracas, 2013, p. 206)

Esta pesquisa conclui, a partir do relato dos sujeitos colaboradores, que é muito difícil para os pacientes admitirem o seu próprio sofrimento na sociedade contemporânea, logo, lidam com esse fenômeno como se fosse algo externo e buscam na psicoterapia o alívio dessa dor, uma “cura”.

Como ressalta Bonino (2007) em Dixe, Kraus & Rodrigues (2009), a sociedade contemporânea prega que as coisas materiais trazem felicidade, que o homem se sente realizado e que encontra o sentido da vida quando atinge um nível alto de renda financeira que lhe possibilita adquirir objetos de alto valor material. Mas este mesmo homem se surpreende quando alcança tal nível financeiro e em vez de se sentir realizado sente uma sensação de vazio e fracasso. Como consequência dessa preocupação em atingir sucesso profissional, as pessoas acabam por deixar de lado o aspecto afetivo de suas vidas, focando apenas no trabalho, fazendo com que as relações humanas tornem-se superficiais. Como lembra Bauman (2000), a sociedade contemporânea é uma *sociedade de consumo*, onde cada vez mais são estabelecidas novas necessidades e os indivíduos devem estar adequados a esse padrão consumista, prontos para adquirir essas novas necessidades e desenvolver novos desejos, portanto, devem ser flexíveis e ajustáveis. Essa compulsão de consumo é “uma luta morro acima contra a incerteza aguda e enervante e contra um sentimento de insegurança incômodo e estupidificante” (p. 95), pois os objetos comprados oferecem sensações agradáveis e a promessa de segurança, pelo menos por algum tempo.

Freire e Moreira (2009), corroborando com o pensamento de Bauman (2000), apontam que na sociedade contemporânea, existe uma forte tendência à individualidade e que, num mundo onde as relações são superficiais e efêmeras, os sujeitos são alheios e indiferentes ao sofrimento do outro. Há uma fuga da dor, as pessoas evitam entrar em contato com ela e consigo mes-

mos e sentem medo de sentir medo, lutam contra a vivência do sofrimento, porém, ele é inevitável, pois a própria tentativa de fuga do sentimento já é sofrer (Cecarelli, 2005; Spaemann, 2005; Moreira, 2009a; Moreira, 2009b). Os sujeitos fogem de sentir qualquer tipo de dor, seja ela física ou psíquica, e, para isso, recorrem à medicalização, que é a forma mais rápida e fácil de livrar-se do sofrimento.

O que observamos atualmente é uma crescente mercantilização do sujeito, aspectos que antes a ele eram considerados inerentes, estão sendo transformados em patologias e, o sofrimento está entre eles.

## OS MÚLTIPLOS CONTORNOS DA NOÇÃO DE SOFRIMENTO

Merleau-Ponty realiza uma filosofia ambígua, sendo uma das suas características mais marcantes a tentativa de romper com as dicotomias, como homem/mundo, real/imaginário. Este filósofo afirma que não existe uma barreira definida entre as coisas, tudo está entrelaçado e constituindo-se mutuamente (Moreira, 2007). O homem é um ser com múltiplos contornos, sendo formado por vários aspectos, tais como a cultura, a sociedade, o corpo físico assim como o aspecto psicológico. Merleau-Ponty se utiliza da ideia de múltiplos contornos inspirado na pintura de Cézanne, que não apresenta traços bem definidos e o homem pintado se confunde com o ambiente, em um movimento de mútua constituição (Merleau-Ponty, 1945/2011). O sujeito e mundo são um todo indivisível, onde não há demarcações bem delimitadas entre as coisas, que são realmente uma unidade.

É com essa lente, que supera um pensamento dualista que compreendemos o sofrimento, como parte integrante de um homem mundano, levando sempre em consideração a cultura, a linguagem e a história que atravessam esse sujeito

e seu modo de ser no mundo. O homem, retratado por Merleau-Ponty (1945/2011) é o que constitui e é constituído pelo mundo por múltiplos contornos, só sendo possível compreendê-lo a partir de uma visão que busque apreendê-lo nessa pluralidade de sentidos e significados. O filósofo nos indica a importância desse olhar amplo em torno do objeto para que possamos apreendê-lo: “[...] O objeto acabado é translúcido, ele está penetrado de todos os lados por uma infinidade atual de olhares que se entrecruzam em sua profundidade e não deixam nada escondido” (p.106)

O objeto não nos aparece em si mesmo, como ele realmente é, mas como nós o vemos, o que depende de nossas experiências passadas que faz ter daquele objeto uma visão única, pois ele tem um sentido pra mim que é diferente do sentido que pode ter para outras pessoas. Com relação ao sofrimento, podemos pensar que este é experienciado por cada sujeito de maneira diferente e sua percepção é construída a partir das experiências de cada um, levando-nos a compreender o sofrimento de modo não estático, pois vai depender da perspectiva sob a qual é vista e do que o sujeito entende por sofrimento e como ele vivencia essa experiência. Compreender o sofrimento como experiência só faz sentido quando visto em relação a outros objetos e na relação que tem com o mundo. Como aponta Merleau-Ponty “um mesmo sujeito encarnado pode ver *de* diferentes posições” (1945/2011, p. 273).

Portanto, compreender o sofrimento é situá-lo nesse entrelaçamento do homem e do mundo, pois entendemos a impossibilidade de pensarmos este fenômeno de forma compartimentada, já que o sofrimento é uma experiência humana e, como tal, é deve ser compreendida em seus múltiplos contornos através de um olhar que busque a compreensão em sua totalidade. Merleau-Ponty (1945/2011) ao assinalar esse aspecto de entrelaçamento cita o exemplo da

perspectiva temporal, apontando que passado, presente e futuro estão interligados:

O presente ainda conserva em suas mãos o passado imediato, sem pô-lo como objeto, e, como este retém da mesma maneira o passado imediato que o precedeu, o tempo escoado é inteiramente retomado e apreendido no presente. O mesmo acontece com o futuro iminente que terá, ele também, seu horizonte de iminência. Mas com meu passado imediato tenho também o horizonte de futuro que o envolvia, tenho portanto o meu presente efetivo visto como futuro deste passado. (p. 106)

Dessa forma, compreendemos o sofrimento não como uma experiência isolada no presente do indivíduo, mas como tendo fundamento no seu passado, sendo construída pelas experiências vividas na história de vida do sujeito, e que é uma experiência que afeta a vida do indivíduo no momento presente, mas que terá consequências, afetando também o seu futuro.

O filósofo lembra que o homem não pode ser retirado do mundo, estando intrinsecamente ligado a ele e que é isso que permite que percebamos e interagamos com o mundo. E, que o homem se distingue dos demais animais por não ser somente um corpo físico, mas também um corpo psicológico que permite que ele tenha consciência da sua ligação com o mundo.

É preciso compreender então como os determinantes psíquicos e as condições fisiológicas engrenam-se uns aos outros: não se concebe como membro fantasma, se depende de condições fisiológicas e se a este título é o efeito de uma causalidade em terceira pessoa, pode *por outro lado* depender da história pessoal do doente, de suas recordações, de suas emoções ou de suas vontades. (Merleau-Ponty, 1945/2011 p. 116)

Ele critica o pensamento dualista que separa corpo e mente; tudo está emaranhado e não há como separá-los. Para exemplificar esta ideia descreve a experiência de membro fantasma que, apesar de não estar ali fisicamente, permanece presente na mente do paciente de tal forma que ele o sente, afirmando mesmo poder mexê-lo. Podemos estabelecer uma relação entre essa interligação com algumas formas de sofrimento. Muitas vezes as pessoas demonstram seu sofrimento através de sintomas psicossomáticos; assim como o sofrimento que advém de alguma doença física, por exemplo, sempre terá repercussões emocionais e psicológicas.

Merleau-Ponty (1945/2011) ao falar dos pacientes com membros fantasma na perspectiva do corpo afirma que, em algum nível pré-consciente, o doente sabe de sua perda porém a ignora: “o doente sabe de sua perda enquanto a ignora, e ele a ignora justamente enquanto a conhece” (p. 122). O sofrimento na sociedade contemporânea é uma experiência que não é aceita e as pessoas buscam o seu fim da forma mais rápida possível, por ela significar um sinal de fraqueza, que não pode ser tolerada no mundo competitivo de hoje, fazendo com que as pessoas ignorem ao máximo a experiência de sofrimento, mas, da mesma forma que a experiência do membro fantasma ela não deixa de existir.

Se tomarmos como exemplo a depressão, que é uma manifestação do sofrimento muito comum no mundo contemporâneo, percebemos uma mesma estagnação do tempo a que o filósofo se refere nos pacientes com membro fantasma:

A experiência traumática não subsiste a título de representação, no modo da consciência objetiva e como um momento que tem sua data; é-lhe essencial sobreviver como um estilo de ser e em um certo grau de generalidade. Eu alieno meu poder perpétuo de me dar “mundos” em benefício de um deles, e por isso mesmo este mundo



privilegiado perde sua substância e termina por ser apenas *uma certa angústia*. (Merleau-Ponty, 1945, p.124)

Da mesma forma, o depressivo se prende ao momento traumático e apesar de que o tempo passe e ele viva novas experiências, ele continua a viver um presente inautêntico por reviver mentalmente aquele momento e o que poderia ter sido se ele tivesse feito algo diferente, ficando preso ao passado.

Com a lente dos múltiplos contornos de Merleau-Ponty, podemos pensar que o sofrimento é uma experiência multifacetada, que se constitui em um contexto histórico, social, cultural, a partir de uma situação e é vivido de forma subjetiva por cada indivíduo que tem um papel ativo na sua experiência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da noção de sofrimento, ao longo da história, passou por diversas modificações, dependendo de cada época e foi influenciada pela cultura, sociedade, aspectos econômicos e históricos. A noção de sofrimento já foi entendida como inerente à existência humana na Grécia Antiga; regulada pela Igreja na Idade Média; e no Renascimento e na Modernidade era tomada por sentimentos de insegurança, ansiedade e isolamento. Atualmente o sofrimento é uma experiência associada à patologia, à doença. Isso ocorreu devido à mudanças sociais, culturais e econômicas, como por exemplo, o surgimento da burguesia no Renascimento, que impôs a possibilidade de mobilidade social que seria alcançada através do esforço individual e a partir disso começou-se a ver o sofrimento como um impedimento, um obstáculo capaz de diminuir a produtividade do indivíduo, ideia que foi cada vez mais pregada e imposta à sociedade. Como desdobramento, temos a patologização do sofrimento, tão presente nos discursos clínicos, seja médico ou psicológico.

O sofrimento na contemporaneidade é entendido não como uma resposta natural e inerente ao ser humano, como o era na Antiguidade, mas como uma experiência essencialmente negativa que, como tal, deve ser combatida. Com isso, cada vez mais pessoas estão sendo diagnosticadas com transtornos psicopatológicos e, conseqüentemente, sendo tratadas de forma medicamentosa, alimentando o rápido desenvolvimento de indústrias farmacêuticas. A difusão da ideia de sofrimento como inaceitável e ligado à doença mental, impede que pessoas que se encontram em sofrimento busquem outros modos de lidar com tal experiência.

O pensamento de Merleau-Ponty ao afirmar que o ser humano e suas experiências não podem ser fragmentados, mas que se constituem no entrelaçamento com o mundo nos proporciona uma lente em que o sofrimento não pode ser compreendido separadamente do contexto e do momento histórico em que cada indivíduo se encontra. Com isso esta lente dos múltiplos contornos nos possibilita compreender o homem e o sofrimento imbricados mutuamente, o que faz com que compreendamos a experiência de cada sujeito como sendo única e multifacetada, ao invés de enquadrá-lo em padrões pré-definidos.

Entendemos que esta compreensão da construção da noção de sofrimento e sua leitura sob a lente dos múltiplos contornos, possibilitará aos profissionais de cuidado repensarem suas práticas e formas de atuação, no intuito da promoção de mudanças nas práticas de cuidado e atenção aos sujeitos que sofrem. Práticas de cuidado, agora, considerando o sujeito como constituído mutuamente no mundo.

## REFERÊNCIAS

Bauman, Z. (2000). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Moreira, V. & Caracas, E. (2013). A Experiência de sofrimento de clientes em psicoterapia humanista-fenomenológica. In: Moreira, V. (2013). *Revisitando as psicoterapias humanistas*. São Paulo: Intermeios.
- Ceccarelli, P. (2005). O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em estudo*, 3, 471-477.
- Das, V., Kleinman, A. & Lock, M. (1997). *Social Suffering*. University of California Press.
- Dixe, M.D.A., Kraus, T & Rodrigues, M. (2009). Sentido de vida, saúde e desenvolvimento humano”. *Revista Científica da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Domínio de Enfermagem*, 10, 77- 88.
- Ferreira, A.B.H, Anjos, M & Ferreira, M.B (coord.) (2000). *Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira.
- Freire, C., Moreira, V. (2009). Depressão: uma desordem dos afetos ou a ordem dos desafetos? In Moreira, V. *Clínica Humanista-Fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. São Paulo, SP: Annablume.
- Martins, F (1999). O que é pathos? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2 (4), 62-80.
- May, R.(1977). O significado da ansiedade: as causas da integração e desintegração da personalidade. Rio de Janeiro: Zahar.
- Menezes, E.M & Silva, E.L. (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. Florianópolis: UFSC.
- Merleau-Ponty (1945/2011). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Minkowski, E. (2000). Breves reflexões a respeito do sofrimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3(4), 156-164.
- Moreira, V. (2007). Fundamentos filosóficos da psicoterapia de base humanista. In: Moreira, V. *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo, SP. Annablume.
- \_\_\_\_ (2009a). Fenomenologia crítica da depressão no Brasil, Chile e Estados Unidos. In Moreira, V. *Clínica Humanista-Fenomenológica: estudos em psicoterapia ee psicopatologia crítica*. São Paulo, SP: Annablume.
- \_\_\_\_ (2009b). Uma compreensão da psicopatologia a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. In: *Clínica Humanista-fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. São Paulo: Annablume.
- Scliar, M. (2003). *Saturno nos Trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. Companhia das Letras.
- Spaemann, R. (2005). El sentido Del sufrimiento. *Humanitas*, 37, 28-47

**Recebido em janeiro de 2015**

**Aprovado para publicação em março de 2015.**